

UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI
ESCOLA DE NEGÓCIOS, RELAÇÕES INTERNACIONAIS E HOSPITALIDADE

GIOVANNA BARBOSA BATISTA
RAFFAELA DA MATTA BRUNI

**A FALTA DE REPRESENTATIVIDADE DE GRUPOS MINORITÁRIOS NA
INDÚSTRIA CINEMATOGRAFICA ESTADUNIDENSE**

SÃO PAULO

2023

GIOVANNA BARBOSA BATISTA
RAFFAELA DA MATTA BRUNI

**A FALTA DE REPRESENTATIVIDADE DE GRUPOS MINORITÁRIOS NA
INDÚSTRIA CINEMATOGRAFICA ESTADUNIDENSE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para obtenção de grau de
Bacharel em Relações Internacionais na
Universidade Anhembi Morumbi.

Orientadora: Prof. Carolina Preto

SÃO PAULO
2023

SUMÁRIO

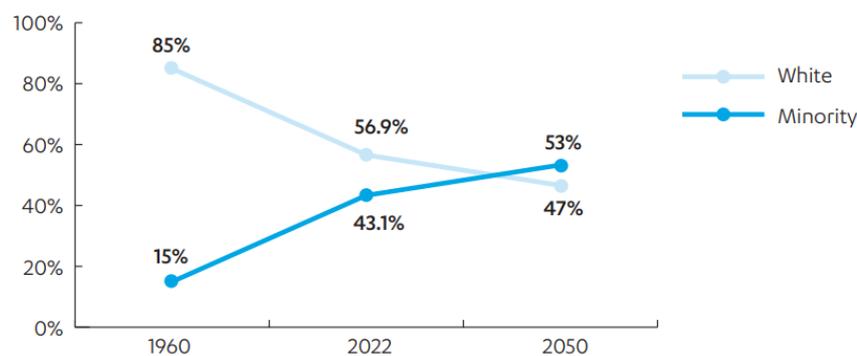
INTRODUÇÃO	3
1 INDÚSTRIA CINEMATOGRAFICA	4
1.1 Origem da Indústria.....	4
1.2 Importância	5
2 CONTEXTO DO PROBLEMA	6
3 IMPACTOS	9
4 ATORES ENVOLVIDOS E SUAS RELAÇÕES	11
5 PERSPECTIVAS E OPNIÕES	13
6. LINHAS DE AÇÕES	15
6.1. Ação A.....	16
6.1. Ação B.....	17
6.3 Ação C.....	18
6.4 Tabela de comparação entre ações	19
7 RECOMENDAÇÃO POLÍTICA E CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
REFERÊNCIAS	20

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar um *Policy Paper*, isto é, a análise detalhada de uma situação problema, a projeção de possíveis desdobramentos desse cenário e a recomendação de ações a serem implementadas diante desse contexto. O documento irá focar em investigar a indústria cinematográfica dos Estados Unidos, explorando a busca por representatividade dos grupos étnicos sub-representados nas produções de entretenimento. Analisaremos a conjuntura e estrutura vigente para compreender as razões subjacentes à falta de oportunidades equitativas para esse grupo, o que afeta diretamente na representação de uma sociedade diversa.

Apesar de ser uma questão conhecida há anos, consequência de séculos de racismo e segregação, nos últimos anos, a discussão sobre a falta de representatividade em Hollywood vem ganhando mais voz no cenário global. Essa lacuna reflete um vácuo na representação autêntica da sociedade diversificada dos Estados Unidos. De acordo com os dados coletados pelo Censo do país, em 2022, grupos minoritários já compunham 43.1% do total da população americana, caminhando para se tornarem a maioria em algumas décadas, com um aumento anual constante de aproximadamente meio ponto percentual.

U.S. Population Shares, White and Minority, 1960-2050



Source: U.S. Census, 2022

Fonte: Censo dos Estados Unidos, 2022.

Este cenário demográfico em transformação tem impactado diretamente a representação na indústria cinematográfica, especialmente em Hollywood. Embora tenham sido registrados avanços notáveis em algumas áreas, como direção e atuação em filmes teatrais, as estatísticas revelam desafios persistentes. Ao analisar a participação nas diferentes áreas de emprego na indústria do entretenimento, observamos que as minorias ainda enfrentam uma sub-

representação considerável em papéis de destaque, direção e escrita, tanto nos filmes tradicionais quanto no streaming.

Nesse *policy paper* iremos examinar as causas fundamentais desse desequilíbrio, identificar suas consequências e propor estratégias e políticas para promover uma indústria cinematográfica mais inclusiva e autêntica. O objetivo é assegurar a diversificação de vozes e perspectivas nas telas, refletindo a rica diversidade da sociedade contemporânea estadunidense.

1. INDÚSTRIA CINEMATOGRAFICA

1.1 Origem da Indústria

A sétima arte, conforme conhecemos atualmente, foi criada no final do século XIX, com as primeiras exibições de filmes pelos irmãos Auguste e Louis Lumière, em 1895. As exibições conhecidas como “vistas”, eram simples e em diversas ocasiões retratavam contextos do cotidiano, como o movimento de pessoas nas ruas, operários saindo de uma fábrica, entre outros. As projeções marcaram o início do cinema como forma de entretenimento e expressão artística, cenário que ao passar do tempo, originou uma indústria com o poder de influenciar através de suas narrativas, abordando questões sociais, políticas e culturais.

A indústria cinematográfica engloba uma ampla rede de profissionais envolvidos em um processo extenso que vai muito além do que é visto nas telas de cinema. Essa rede inclui desde os protagonistas diante das câmeras, como atores e diretores, até uma série de especialistas que atuam nos bastidores, desempenhando papéis igualmente importantes. Técnicos de imagem, som, figurinistas, roteiristas, editores, técnicos de som, são alguns dos exemplos dessa rede de profissionais que constituem o ecossistema dessa indústria criativa.

Em Hollywood, a indústria desabrochou no início do século XX, impulsionada pelas vantagens climáticas e iluminação ideais para filmagens. A região atraiu produtores de cinema que procuraram locais variados. Com o estabelecimento do primeiro estúdio de cinema em Hollywood, Nestor Film Company, inaugurado em 1911, deu-se o pontapé inicial para o que viria a ser o epicentro global da produção de filmes.

As décadas de 1910 a 1920 testemunharam a consolidação e expansão da indústria, com o surgimento de estúdios renomados até os dias atuais, como Paramount, Universal e Warner Bros. Seguidos pela Era de Ouro de Hollywood entre as décadas de 30 e 40, além da produção de filmes, os estúdios controlavam as principais salas de cinema dos Estados Unidos, o que lhes dava o poder de decisão de quais obras seriam exibidas ou não. Essas grandes companhias de

produção estabeleceram seu domínio em todos os processos envolvidos na criação cinematográfica, desde o roteiro até sua exibição, assim se consolidando como principais produtores de entretenimento global.

Com a introdução da televisão, a indústria passou por um momento delicado de adaptação durante os anos de 1950 e 1960, levando os estúdios a explorarem novas tecnologias, gêneros e estratégias de distribuição. Essa transição marcou um momento crucial em Hollywood, trazendo consigo mudanças significativas. O período foi marcado com o surgimento de filmes de grande sucesso e diretores influentes como “Jaws” (1975) dirigido por Steven Spielberg e “Star Wars” (1977) de George Lucas, além do crescimento do cinema independente. Esses anos foram fundamentais para solidificar Hollywood como o epicentro da produção cinematográfica global, moldando não apenas a indústria do entretenimento, mas também a cultura popular ao longo do tempo

1.2 Importância

Conforme o objetivo do estudo envolve a indústria americana, sua capacidade de moldar perspectivas transcende as fronteiras nacionais, permeando diversas esferas da vida cultural e social em nível global e abrindo caminho para uma análise mais ampla sobre como a cultura cinematográfica dos EUA influenciou e continua a influenciar o mundo em múltiplos aspectos.

Em termos econômicos, a indústria cinematográfica é um grande impulsionador do Produto Interno Bruto (PIB) dos Estados Unidos. De acordo com o relatório "Theatrical and Home Entertainment Market Environment (THEME) 2021" da MPA, nos Estados Unidos, a indústria cinematográfica e de entretenimento alcançou um marco de US\$ 36,8 bilhões em 2021, apresentando um aumento expressivo de 14% em relação a 2020 e superando, inclusive, valores pré-pandêmicos de 2019. O impacto positivo no mercado dos EUA vai além das cifras de bilheteria e streaming. Ainda segundo o relatório da Motion Pictures Association, mais de 940 filmes entraram em produção em 2021 - que representou mais do que o dobro do número de 2020 - o que gerou milhões de empregos nos EUA, desde atores até equipes de produção e serviços de apoio.

O turismo em locais de filmagem também é impulsionado pelos filmes. Destinos que foram cenários de filmes famosos muitas vezes experimentam um aumento significativo no turismo. Por exemplo, locais como Nova York, Los Angeles e até mesmo destinos estrangeiros recebem um aumento no turismo após serem apresentados em filmes populares.

A discussão sobre o poder de influência dos Estados Unidos na esfera cultural também é enriquecida pela teoria do "soft power" cunhada pelo Dr. Joseph Nye Jr. Nye propõe que o soft power, diferentemente do poder militar ou econômico (hard power), é a capacidade de influenciar e persuadir através da cultura, ideias, valores e políticas atrativas, em vez da coerção. Essa abordagem destaca o papel crucial da indústria cultural, como a cinematográfica, no fortalecimento da posição dos Estados Unidos no cenário internacional. Destarte, filmes norte-americanos têm sido usados como ferramenta de soft power há décadas, um exemplo notável foi durante a Guerra Fria. Durante esse período, a indústria do cinema dos Estados Unidos foi utilizada como uma poderosa forma de propaganda anti-comunista.

Produções como "007 Contra o Satânico Dr. No" (1962) e a série de filmes de James Bond em geral, por exemplo, retrataram o antagonismo contra regimes comunistas, promovendo a idealização do herói ocidental. Além de filmes como "Nascido Para Matar" (1987) e "Rambo II - A Missão" (1985) que personificaram a força militar e a resistência contra regimes considerados opressivos, reforçando a imagem do indivíduo americano como um herói em defesa da liberdade e dos valores ocidentais.

Essa ferramenta de entretenimento global transcende barreiras culturais e linguísticas, permitindo que histórias e mensagens alcancem diversos públicos ao redor do mundo. Sua capacidade vai além do simples ato de entreter, e sim envolver o público e gerar identificação e compreensão de temas, experiências e culturas. Dessa forma, o cinema consegue estimular debates e discussões na sociedade, confrontando perspectivas tradicionais, muitas vezes levantando questões éticas, políticas e morais.

Dado os fatos expostos e analisados, é crucial reconhecer que tamanha influência tem implicações profundas, especialmente no que diz respeito à representatividade de grupos étnicos sub-representados. Assim, o impacto de Hollywood em âmbito global deve ser examinado à luz de como as produções cinematográficas podem e devem ser agentes de mudança, promovendo narrativas inclusivas e representativas que reflitam a diversidade e a riqueza cultural do mundo atual e impulsionar a busca por uma representação autêntica e inclusiva na tela.

2. CONTEXTO DO PROBLEMA

Dado o alcance da indústria cinematográfica norte-americana e o fato de que 43,1 % da população pertence a grupos étnicos minoritários (negros, indígenas e outras identidades

étnicas não definidas como brancas), surge o questionamento sobre a existência de uma representação justa e equitativa das narrativas desses grupos nas telas. A discussão acerca da representatividade racial na indústria cinematográfica ganhou destaque durante a cerimônia do Oscar de 2016, quando nenhum dos 20 atores indicados à premiação eram negros. O ocorrido originou o movimento *#OscarSoWhite*, que ganhou destaque na mídia, expondo a problemática e frustração persistente em torno de uma premiação influente, porém extremamente exclusiva, contribuindo diretamente para a sub-representação de pessoas racializadas, tanto na composição dos elencos quanto na equipe de produção por trás das câmeras.

Segundo o Departamento de Ciências Sociais da Universidade da Califórnia (UCLA), responsável pela produção do relatório anual sobre a diversidade na indústria de Hollywood, em 2022, os dados revelaram discrepâncias significativas na representação racial dentro da indústria cinematográfica. Nos filmes lançados no cinema, 22% dos protagonistas eram pessoas racializadas, enquanto apenas 17% dos diretores e 12% dos roteiristas pertenciam a essa mesma categoria. Os filmes de streaming, por outro lado, mostraram maior inclusão em 2022, com elencos mais diversos e um número maior de protagonistas femininas, 64% dos lançamentos originais em plataformas de streaming apresentaram elencos com mais de 30% de atores não brancos, em comparação com 57% dos lançamentos nos cinemas. Além disso, enquanto diretores homens brancos dominam, especialmente em produções com orçamentos elevados, diretores e diretoras negras tendem a receber orçamentos menores, com a maioria de seus filmes ficando abaixo de US\$20 milhões. Esses números ainda não refletem a diversidade da população dos EUA.

O relatório também destaca retrocessos significativos no setor cinematográfico durante a pandemia, dado o cenário de incerteza econômica, os estúdios buscaram por "sucessos garantidos" no cinema, baseados em nostalgia e propriedades intelectuais anteriores. Os acadêmicos do estudo identificaram um recuo nos níveis de representatividade étnica e de gênero nos filmes, aproximando-se dos patamares observados em 2019 ou 2018. Isso representou um revés na tendência de alcançar uma maior equidade, tanto na representação em cena quanto nos aspectos dos bastidores, que vinha sendo gradualmente construída. Em entrevista para o site *Fortune*, a Doutora Ana-Christina Ramón, diretora da Iniciativa de Investigação de Entretenimento e Mídia da UCLA, que produz o relatório, "Existe a preocupação de que a diversidade seja vista como algo passageiro, sujeito a ser eliminado a qualquer momento, seja no cinema ou nos serviços de streaming". Ela destaca que, após um período de crescimento acelerado, os serviços de streaming estão recuando em suas produções originais.

O fato é que os executivos de Hollywood e os estúdios devem se atentar para a questão demográfica do país, não apenas de seu público adulto comprador de ingressos e espectadores, mas também de seu público mais jovem. A busca por representatividade da juventude de hoje está naturalmente engajada na criação de seu próprio conteúdo e que reflita em sua realidade e perspectiva. Filmes como "Encanto", de 2021, que retrata uma jovem latina em busca de sua identidade em uma família mágica, dominaram a audiência em 2022. O sucesso se deu devido a identificação do público com narrativas completas e ricas em cultura, demonstrando que a diversidade também é fundamental para os estúdios permanecerem relevantes atendendo a demanda do público.

A ausência de representação é tão danosa para pessoas racializadas quanto a representação negativa. Ao longo da história cinematográfica, a representação de pessoas negras, asiáticas, indígenas, entre outros, sempre foram controversas e prejudiciais, o que definimos hoje como *blackface*, *yellowface* ou *whitewashing* (branqueamento). Os dois primeiros conceitos envolvem práticas de atuação que ridicularizaram e perpetuavam estereótipos raciais, onde atores brancos pintavam seus rostos para ridicularizar pessoas negras (*blackface*) ou pessoas com ascendência asiática (*yellowface*). Estima-se que essas práticas tiveram início por volta de 1830, no Estados Unidos, em um contexto de transição entre escravidão e abolição da escravatura. Na entrevista concedida ao G1, o professor e ativista Juarez Xavier destaca que essa abordagem visava perpetuar a subjugação da comunidade negra, retratando-os como incapazes de desfrutar plenamente dos direitos democráticos e da liberdade. Além disso, representações criadas para moldar a percepção social e racial eram comuns, o filme "O Nascimento de uma Nação" (1915), dirigido por D.W. Griffith, apresenta uma visão profundamente racista da Guerra Civil dos Estados Unidos, contribuindo para a perpetuação de estereótipos prejudiciais sobre afro-americanos.

Mas, essas ações não foram abolidas totalmente, e ganhou uma nova definição, conhecida como "Whitewashing", termo traduzido como "lavagem branca" designado para descrever a prática de escalção de atores brancos para papéis onde a raça de um personagem é alterada para branca ou simplesmente ignorada, dessa forma contribuindo para a exclusão de atores racializados. Um exemplo é a atuação de Scarlett Johansson que foi criticada por assumir o papel principal na adaptação de Hollywood de "Ghost in the Shell". A série de mangá de Masamune Shirow é inteiramente composta por personagens japoneses, incluindo a Major Motoko Kusanagi.

Entre os anos de 1930 e 1960, o "Código de Produção de Hays" foi instaurado para reger a indústria cinematográfica nos Estados Unidos. Dentre as pressões, envolviam grupos

religiosos e de moralidade que demandavam por uma regulamentação do conteúdo cinematográfico. Além disso, o cinema estava se tornando uma influência cultural poderosa, motivando preocupações sobre seu impacto nas atitudes e comportamentos sociais.

O código estabelecia diretrizes rigorosas que os filmes deveriam seguir, incluindo a proibição de cenas de nudez, linguagem obscena e temas considerados controversos, incluindo restrições romances interracialis e obrigação de negros a interpretarem apenas empregados domésticos e motoristas. Foi nesse contexto que Hattie McDaniel ganhou o Oscar pelo seu papel de empregada doméstica em "...E o vento levou". O código foi criticado por restringir a liberdade criativa dos cineastas e por ser inconsistente em sua aplicação, sendo substituído pelo sistema de classificação de filmes da Motion Picture Association of America (MPAA). Nesse novo sistema, era permitido classificar os filmes de acordo com sua adequação para diferentes faixas etárias e permitia uma maior diversidade de conteúdo cinematográfico.

Contudo, a abordagem relacionada aos grupos minoritários e retomada de temas censurados anteriormente, a sub-representação não foi tratada como foco principal. Somente nas últimas duas décadas, houve um aumento significativo na conscientização sobre a importância da representação inclusiva na mídia. Grupos minoritários, organizações de direitos civis e o público em geral começaram a pressionar por uma mudança real na indústria cinematográfica, exigindo representações autênticas e diversificadas.

3. IMPACTOS

Este cenário desencadeia uma série de consequências significativas, com a principal delas sendo o agravamento da desigualdade de oportunidades dentro da indústria cinematográfica. Essa disparidade, por sua vez, fortalece a perpetuação de narrativas estereotipadas, enquanto marginaliza as histórias e perspectivas genuínas desses grupos, contribuindo para o surgimento de preconceitos e discriminação. Além disso, distorce a percepção da sociedade em relação a esses mesmos grupos, criando um ambiente no qual as representações autênticas e inclusivas são escassas.

A ausência de representação ou representações incompletas, apagam retratos de culturas e diversidades, é uma situação que causa diversos impactos e geram uma visão distorcida ao telespectador, desencadeando em estereótipos como "Magical Negro" e "Awkward desexualised Asian".

O arquétipo de "Magical Negro" é uma visão estigmatizada frequentemente presente na mídia, retratando personagens negros como figuras místicas e sábias, normalmente associadas

a habilidades sobrenaturais e conexões espirituais. Essa representação os reduz a figuras cujo único propósito é guiar o protagonista branco em sua jornada. Um exemplo disso pode ser encontrado no filme "Lendas Da Vida" (2000), no qual o personagem de Will Smith é retratado como um sábio ajudante que auxilia um golfista (Matt Damon) a encontrar seu caminho na vida.

Outros paradigmas que podem ser constantemente encontrados no cinema são o "Awkward desexualised Asian", personagem asiáticos pouco atraente, sem interesse amoroso, apresentado como tímido e desajeitado, ou Sheikhs Árabes, representados por homens extremamente ricos, poderosos, normalmente malévolos que ostentam uma vida de riqueza exuberante e comportamentos moralmente questionáveis.

Essa repetição constante de estereótipos nas telas é extremamente nociva, pois além de marginalizar e desumanizar grupos étnicos, contribui para a objetificação e limitação de suas identidades. Isso abre espaço para preconceitos e perpetua o racismo, xenofobia e a discriminação contra povos sub-representados.

A ausência ou representação equivocada na indústria cinematográfica gera uma série de impactos negativos, marginalizando histórias autênticas e distorcendo a percepção da sociedade sobre grupos diversos. Contudo, à medida que a indústria abraça a diversidade e a inclusão, o cenário se transforma, trazendo consigo um conjunto significativo de mudanças positivas. A representação autêntica e inclusiva não é apenas um reflexo mais fiel da riqueza cultural e das identidades variadas, mas também desempenha um papel crucial na desconstrução de estereótipos e na promoção de uma compreensão mais ampla e empática entre as pessoas. Essa mudança não apenas empodera os grupos sub-representados, mas também influencia as atitudes e percepções, evidenciando como a representação na tela pode ser um agente de transformação social positiva.

Exemplos marcantes desse impacto positivo podem ser vistos em filmes como "Pantera Negra" (2018), o primeiro filme de super-heróis com exclusivamente personagens negros como protagonistas, que celebrou a cultura africana e foi aclamado por seu impacto na representação positiva e no empoderamento das comunidades negras ao redor do mundo.

"Crazy Rich Asians", lançado em 2018, também desafiou estereótipos, fornecendo uma representação mais autêntica e complexa de personagens asiáticos. Uma das principais contribuições do filme foi oferecer uma visão contemporânea e genuína da cultura asiática, mostrando personagens profundos com diferentes perspectivas, identidades e vivências. Ele se destacou por ir além dos estereótipos tradicionais, exibindo uma gama diversificada de

experiências dentro da comunidade asiática, refletindo a riqueza e a variedade de suas culturas. Além disso, "Crazy Rich Asians" foi um marco na indústria cinematográfica ocidental, já que foi um dos primeiros filmes de grande orçamento a apresentar um elenco predominantemente asiático em décadas, abrindo caminho para mais filmes com protagonistas asiáticos ganharem destaque e reconhecimento global. Nos anos posteriores, filmes como "Parasita" (2019), dirigido por Bong Joon-ho, e "Tudo em Todo Lugar ao Mesmo Tempo" (2022) também chegaram aos cinemas mundiais e ofereceram perspectivas únicas e distintas, demonstrando a diversidade e profundidade das histórias asiáticas em diferentes gêneros cinematográficos.

Ademais, se observa um notável aumento de visibilidade e reconhecimento de produções LGBTQ+ na indústria do entretenimento. Filmes como "Moonlight", dirigido por Barry Jenkins, ofereceram uma narrativa poderosa sobre identidade, amor e aceitação. A obra venceu o prêmio na categoria "Melhor Filme" no Oscar de 2017. Bem elogiado por especialistas, o longa trouxe à tona as experiências de um jovem negro gay e recebeu reconhecimento internacional, tornando-se um marco na representação de histórias LGBTQ+ no cinema.

Esses filmes não apenas conquistaram aclamação crítica, mas também tiveram um impacto significativo nas conversas sobre representatividade e diversidade. Eles demonstraram de maneira inequívoca como a representação autêntica e inclusiva na mídia não só entretém, mas também desempenha um papel essencial na promoção da compreensão, aceitação e valorização das diversas identidades presentes na sociedade, destacando a importância e o potencial das histórias de grupos minoritários na indústria cinematográfica contemporânea.

4. ATORES ENVOLVIDOS E SUAS RELAÇÕES

Na dinâmica complexa da indústria cinematográfica nos Estados Unidos, diversos atores se entrelaçam, cada um com seus interesses e influências. Os pilares dessa estrutura são os estúdios de cinema, produtoras, atores, diretores, roteiristas e executivos, que, em conjunto, moldam desde o financiamento até a distribuição dos filmes. Essas entidades têm um papel crucial na escolha dos elencos, desenvolvimento dos roteiros e na definição das narrativas, erguendo barreiras ou abrindo portas para a representatividade de grupos minoritários. Esses grupos sub-representados, por sua vez, formam uma voz coletiva impactante na luta por uma representação justa. Pessoas de cor, mulheres, LGBTQ+ e outros são diretamente afetados pela falta de representação na indústria e estão envolvidos na luta por uma mudança significativa, buscando conscientização pública. Atores, diretores, roteiristas e outros profissionais na área

que pertencem a esses grupos enfrentam obstáculos adicionais em suas carreiras decorrente à falta de oportunidades, mas quando sucedidos se tornam exemplos a serem seguidos.

Outros atores que estão indiretamente envolvidos são governos em níveis federal e estadual, que possuem o poder de implementar políticas e regulamentações que incentivem a diversidade na indústria cinematográfica, como incentivos fiscais e financiamento público. O estabelecimento de órgãos reguladores para supervisionar a indústria cinematográfica, garantindo que políticas de diversidade sejam incluídas e conseqüentemente encorajando produtoras a adotarem medidas inclusivas. Grupos e organizações de defesa dos direitos civis também desempenham um papel crucial em promover a conscientização e pressionar por mudanças na indústria. Elas monitoram as práticas da indústria, chamando atenção de representações inadequadas e contribuem para garantir que grupos minoritários sejam representados justamente nas telas.

Ademais, a participação ativa do público e dos consumidores merece destaque ao expressar demandas por representação e ao apoiar produções que promovem a diversidade. Suas escolhas decorrente ao que consomem, apoiam e engajam tem poder de moldar as práticas da indústria e impulsionar mudanças. É necessário que o público tenha consciência sobre as questões de inclusão e a importância de consumir obras diversas. A exposição a diferentes visões e formas de arte permite a expansão de horizontes e maior capacidade crítica.

Quando observamos as relações entre esses atores, percebemos uma complexa interação de interesses. A indústria cinematográfica, visando lucro e reconhecimento, pode encontrar pontos de convergência com os grupos minoritários. Essa intersecção pode resultar na criação de narrativas mais inclusivas, beneficiando não apenas a representatividade, mas também o sucesso financeiro. Nesse mesmo contexto, a promoção da diversidade e inclusão na indústria cinematográfica alinha-se com os interesses sociais, econômicos e culturais do governo. Essa abordagem visa impulsionar o crescimento econômico, atraindo um público mais amplo para a indústria cinematográfica, ao mesmo tempo em que preserva a riqueza da identidade cultural do país. Conseqüentemente, isso leva a uma melhoria na imagem internacional do país, tornando-o mais atrativo para investimentos estrangeiros.

Paralelamente, as organizações de direitos civis têm o interesse em promover a igualdade e a inclusão na indústria cinematográfica. Elas podem pressionar tanto a indústria quanto o governo por meio de campanhas de conscientização, lobby e advocacy a fim de adotarem medidas de diversidade. A indústria e o governo podem responder a essa pressão para evitar controvérsias e promover uma imagem positiva, a colaboração entre esses atores pode ajudar a resultar na implementação de políticas de inclusão.

Sob essa perspectiva, os atores envolvidos na indústria cinematográfica estadunidense têm interações multifacetadas, onde interesses individuais e coletivos se entrelaçam, moldando o rumo da representatividade e diversidade no cinema. Essa dinâmica complexa ressalta a constante negociação entre as demandas comerciais e as aspirações por uma representação autêntica.

5. PERSPECTIVAS E OPINIÕES

Para sugerir ações para mudar o contexto de falta de representatividade na indústria cinematográfica, é crucial realizar uma análise abrangente das percepções e opiniões dos atores e grupos envolvidos no tema.

Ao ganhar o Emmy de 2017, Viola Davis, enfatizou a importância de escritores negros: “Não se pode ganhar um Emmy por papéis que simplesmente não existem”. O discurso destaca o papel vital desses profissionais ao trazer visibilidade e voz para histórias marginalizadas ou retratadas superficialmente. Essa curadoria é fundamental, pois o alcance e a influência dos filmes de Hollywood atingem pessoas racializadas em todo o mundo, que desejam ver suas narrativas tratadas com respeito e autenticidade.

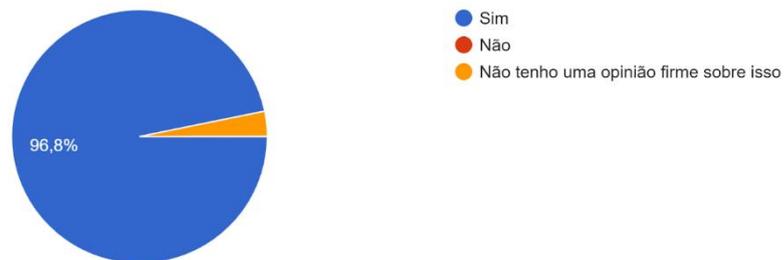
“A diversidade não é o suficiente” (REIGN, 2020), em um vídeo para o canal The Root no YouTube, a ativista e criadora do movimento #OscarSoWhite, April Reign, destaca que a abordagem para resolver essa questão não se limita a assegurar cotas para a presença de atores racializados na indústria cinematográfica, mas sim buscar garantir uma representação justa e equitativa dessas pessoas. Além disso, a representatividade é fundamental principalmente para crianças e jovens, para que se sintam valorizados e percebam que possuem o potencial de serem o que desejam, escapando dos estereótipos arraigados. Michael Morgan, professor emérito da Universidade de Massachusetts, realizou uma pesquisa sobre "o impacto da televisão na autoestima", concentrando-se em seu efeito sobre as crianças. Ele sustenta que elas absorvem estereótipos: "Quando crianças (de cor) são expostas somente a representações negativas de pessoas da mesma cor na tela, começam a se ver sob a mesma luz desfavorável.”

Buscamos analisar também perspectivas do público de diferentes realidades que são espectadores da indústria cinematográfica norte-americana

Na primeira pergunta, sobre a importância da representação de grupos minoritários em filmes e programas de televisão, o alto percentual de 96,8% destaca a importância da representação de grupos minoritários. Isso aponta para um consenso amplo de que a

representatividade não se resume apenas a uma questão de inclusão simbólica; ela é fundamental para uma narrativa autêntica e verdadeiramente inclusiva.

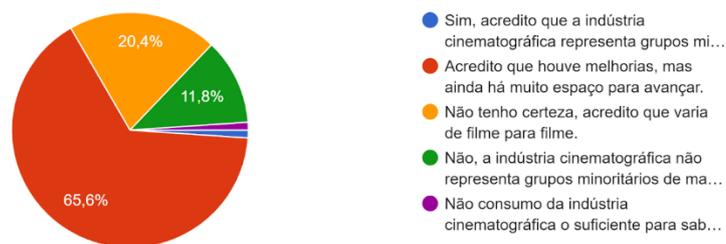
Você acha importante a representação de grupos minoritários em filmes e programas de televisão?
93 respostas



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelas autoras do TCC (2023)

Na seguinte questão, sobre a representatividade adequada desses grupos, 65% dos entrevistados acreditam que houve melhorias, mas que ainda é necessário avanços. A ideia de que variação de filme para filme reflete a inconsistência na representação, indicando que embora haja progressos em alguns casos, isso ainda não é consistente em toda a indústria.

Você acredita que a indústria cinematográfica atualmente representa de maneira adequada grupos minoritários?
93 respostas

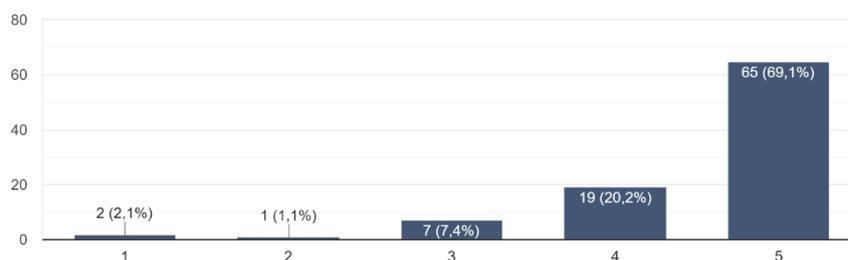


Fonte: Pesquisa de campo realizada pelas autoras do TCC (2023)

A percepção de que a diversidade na indústria cinematográfica pode ter um impacto positivo na sociedade é forte, evidenciada pela alta pontuação na escala de 1 a 5. Isso sugere que a maioria dos entrevistados reconhece os benefícios sociais e culturais da representação oferecida no cinema.

A representação em filmes pode influenciar a maneira como as pessoas percebem grupos minoritários na vida real.

94 respostas

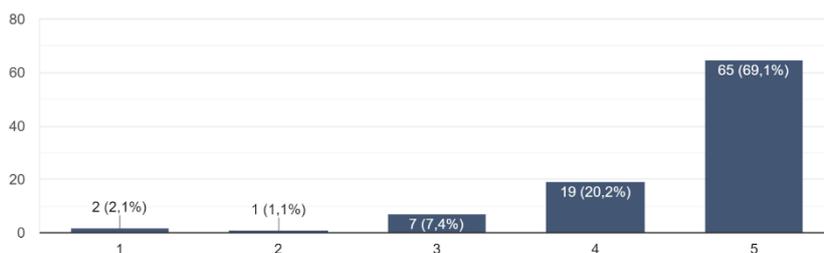


Fonte: Pesquisa de campo realizada pelas autoras do TCC (2023)

Quando perguntados se a representação em filmes pode influenciar a maneira como as pessoas percebem grupos minoritários na vida real, em uma escala de 1 a 5, 65% dos entrevistados consideram o valor máximo de importância. O percentual significativo que atribui o valor máximo de importância nesta escala indica uma consciência clara sobre o poder do cinema na formação de perspectivas e atitudes em relação aos grupos minoritários. Isso ressalta a responsabilidade da indústria cinematográfica na moldagem de narrativas que pode desafiar estereótipos e promover uma compreensão mais ampla e precisa da diversidade humana.

A representação em filmes pode influenciar a maneira como as pessoas percebem grupos minoritários na vida real.

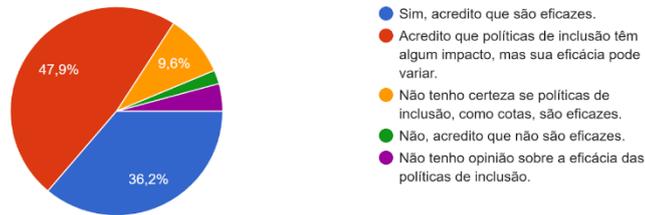
94 respostas



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelas autoras do TCC (2023)

Em relação a cotas de representatividade, a pesquisa demonstrou que a opinião pública dos entrevistados vão de encontro com a opinião de April Reign explicitada anteriormente, sobre a necessidade de ir além na implementações de políticas para resolver o problema.

Você acha que políticas de inclusão, como cotas, são eficazes para aumentar a diversidade na indústria?
94 respostas



Fonte: Pesquisa de campo realizada pelas autoras do TCC (2023)

Esses dados indicam não apenas um reconhecimento da importância da representatividade no cinema, mas também uma necessidade de mudanças substanciais na maneira como os grupos minoritários são retratados e incluídos na narrativa cinematográfica.

6. LINHAS DE AÇÕES

Após diversas polêmicas sobre os reflexos da baixa representatividade de grupos sub-representados no Oscar de 2016, a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas criou a iniciativa *Academy Aperture 2025*, que visa estabelecer novos padrões para a elegibilidade ao Oscar na categoria de Melhor Filme. Os critérios buscam promover a representação equitativa dentro e fora das telas, impactando a diversidade do público do cinema. A ideia foi liderada pelo produtor DeVon Franklin e pelo presidente e CEO da Paramount Pictures, Jim Gianopulos. O projeto foi inspirado pelos Padrões de Diversidade do British Film Institute, adaptados para atender às necessidades específicas da Academia e da realidade Americana.

No entanto, mais ações precisam ser discutidas e pensadas para corrigir essa problemática e garantir equidade de representação dos grupos sub-representados, os quais frequentemente enfrentam não apenas representações negativas de sua etnia ou raça, mas também a completa ausência de representação de suas identidades nas telas. Com base na análise detalhada presente no Policy Paper, juntamente com os dados investigados pelo relatório da UCLA e as opiniões e perspectivas do público, apresentaremos propostas de políticas públicas direcionadas à Fundação Nacional para as Artes (FNA). Dado que os EUA não possuem um departamento governamental específico para arte e cultura, a agência FNA é uma das principais agências federais desempenhadas para dar suporte às artes nos EUA, oferecendo subsídios e financiamento para organizações artísticas, programas educacionais e artistas

individuais em todo o país. Ou seja, um dos papéis principais da agência também engloba promover iniciativas de representatividade e diversidade na indústria cinematográfica.

6.1 AÇÃO A: Apoio a Organizações e Festivais de Cinema Racialmente Diversificados

Essa ação busca promover festivais e organizações que destacam e apoiam filmes e profissionais racializados. Um exemplo é o apoio à *BlackStar Film Festival*, festival é organizado para apresentar filmes e criações visuais de artistas negros, pardos e indígenas de todo o mundo, contando com diversos patrocinadores, dentre eles: Annenberg School of Communication, Ford Foundation, Independence Media, entre outros.

A FNA pode contribuir auxiliando na divulgação do festival, conforme seu alcance federal, muitas pessoas iriam começar a conhecer o festival, podendo trazer até outros patrocinadores. Além da possibilidade da agência oferecer suporte logístico para o evento, como acesso a locais para as convenções, assistência na organização e promoção de eventos, dessa maneira um grupo maior de pessoas seria impactado, aumentando a visibilidade do festival.

Entretanto, os aspectos negativos da iniciativa serão percebidos nos gastos e nos impactos esperados para modificar o cenário atual de marginalização de pessoas racializadas. Nesse cenário deverá ser levado em consideração despesas relacionadas à locação de espaços, desde teatros a centros de convenções, com valores que variam conforme a localização, tamanho do local e infraestrutura ideal. Além disso, o orçamento deve considerar o marketing e divulgação do evento. Ademais, devemos levar em consideração que a capacidade de alcance dos filmes exibidos, embora as ações anteriormente descritas fossem efetivadas, a questão da visibilidade do evento dos profissionais racializados, teria um alcance limitado em comparação com os principais estúdios e distribuidores de filmes. Dessa maneira, não haveria mudança no contexto de que as decisões-chave sobre financiamento, distribuição e seleção de elenco ainda seriam predominantemente controladas pelos principais atores.

6.2 AÇÃO B: Concessão de subsídios direcionados a produções cinematográficas comprometidas com a diversidade

A Fundação Nacional para as Artes possui um extenso histórico de iniciativas promovendo manifestações artísticas em todo o território. Suas ações abrangem investimentos em programas educacionais para jovens e comunidades. Baseando-nos nesse histórico, sugerimos uma ação voltada para o desenvolvimento de cotas para profissionais racializados, acompanhada de incentivos fiscais para estúdios e produções que fomentem diversidade racial em seus elencos e equipes. Essas cotas não apenas ampliariam a representatividade, mas também enriqueceriam as narrativas culturais com perspectivas variadas e autênticas. Além disso, sugerimos a implementação de incentivos fiscais direcionados a estúdios e produções que se comprometam ativamente em fomentar a diversidade racial em seus elencos e equipes. Esses incentivos não apenas reconheceriam e valorizariam as práticas inclusivas, mas também encorajariam um ambiente criativo mais diversificado e reflexivo, enriquecendo assim a produção artística como um todo.

Entretanto, a implementação de cotas de diversidade e incentivos fiscais na indústria cinematográfica pode enfrentar diversos desafios e implicar considerações importantes, como a administração e fiscalização das cotas de diversidade demandam um sistema robusto para garantir sua implementação efetiva. Isso pode exigir a criação de agências ou unidades governamentais dedicadas à supervisão dessas políticas, o que naturalmente requer recursos financeiros e humanos consideráveis. Dependendo do nível de inovação das cotas, podem surgir custos adicionais relacionados à seleção de elenco, contratação e produção para atender aos requisitos de diversidade estabelecidos.

6.3 AÇÃO C: Parcerias e programas de Capacitação e Inclusão:

Dado a importância da temática da inclusão no setor do entretenimento, diversas organizações lançaram programas para apoiar cineastas e criadores de conteúdo de origens diversas, incluindo ações de bolsas de estudo ou programas de mentoria para aumentar as perspectivas para os talentos sub-representados. A Fundação Nacional para as Artes poderiam criar uma parceria com a organização Free The Work que colabora com mais de 10 mil empresas e 13.500 criadores, focalizando em inserir diversos talentos nos sets de filmagem. A Free The Work busca amplificar o alcance de criadores sub-representados, realçando suas habilidades como contadores de histórias excepcionais e talentos notáveis que ainda não foram devidamente reconhecidos.

Um exemplo desse impacto é Maureen Bharoocha, cineasta e escritora, que encontrou oportunidades através da Free The Work. Ao listar sua disponibilidade na plataforma, ela expandiu seu alcance, dirigindo uma variedade de conteúdos, desde programas televisivos como "Jimmy Kimmel Live!" até thrillers exibidos no Lifetime, abrindo caminho para trabalhar em longas-metragens.

6.4 Comparação entre as Linhas de Ação:

PERGUNTA: O que deve ser feito para mudar o contexto de falta de representatividade na indústria cinematográfica dos EUA?	AÇÃO 1: Apoio a Organizações e Festivais de Cinema Racialmente Diversificados	AÇÃO 2: Implementação de Cotas de Diversidade e incentivos fiscais	AÇÃO 3: Parcerias e programas de Capacitação e Inclusão
CRITÉRIO 1: CUSTO	Alto	Variável, podendo ser alto em longo prazo	Variável, podendo ser baixa a depender do escopo do programa
CRITÉRIO 2: ALCANCE	Limitado	Amplio	Amplio
CRITÉRIO 3: VIABILIDADE	Alta	Média	Alta
CRITÉRIO 4: EFICÁCIA	Limitada na mudança estrutural	Alta na mudança estrutural	Alta na mudança estrutural
RECOMENDA?	Não	Sim	Sim

Tabela de comparação entre as linhas de ação. Elaboração própria (2023)

7. RECOMENDAÇÃO POLÍTICA E CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ação escolhida como recomendação política para enfrentar a falta de representatividade na indústria cinematográfica dos EUA é a implementação de parcerias e programas de capacitação e inclusão. Essa escolha foi fundamentada devido à capacidade já comprovada pelo trabalho do Free The Work, que hoje está presente em diversos países, de criar mudanças estruturais ao fornecer oportunidades tangíveis para criadores sub-representados, promovendo uma indústria mais diversa e inclusiva.

A implementação seria conduzida através de uma parceria do Fundo Nacional Para as Artes (National Endowment for the Arts ou NEA), instituição federal dos Estados Unidos que oferece suporte financeiro a projetos artísticos, em conjunto com o "Free The Work" - iniciativa

sem fins lucrativos dedicada à identificação e correção de desigualdades sistêmicas na indústria do entretenimento. A execução aconteceria criando de bolsas de estudo e programas de formação, promovendo parcerias com instituições educacionais, organizando eventos e conferências, além de incentivar a participação ativa dos estúdios e produtores. Recomenda-se que isso seja feito gradualmente, com um período inicial de adaptação para os estúdios e a indústria se ajustarem, iniciando com projetos pilotos e expandindo-os com base nos resultados obtidos para permitir avaliar a eficácia e fazer ajustes conforme necessário. Ao mesmo tempo, é importante educar e conscientizar sobre a necessidade dessas ações para superar eventuais resistências.

Os impactos esperados com essa linha de ação são multifacetados. Primeiramente, a criação de bolsas de estudo e programas de formação abriria portas para talentos sub-representados, capacitando-os com oportunidades de networking na indústria cinematográfica. Isso resultaria em uma indústria mais diversificada, com uma gama mais ampla de vozes e perspectivas representadas nas produções. Além disso, esses esforços podem inspirar a participação ativa dos estúdios e produtores, onde a inclusão e a representatividade se tornam não apenas objetivos, mas práticas fundamentais no desenvolvimento de obras de cinema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NYE JR., Joseph S. **O Paradoxo do Poder Americano**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

BORDWELL, David; STAIGER, Janet; THOMPSON, Kristin. **The Classical Hollywood Cinema: Film Style and Mode of Production to 1960**. New York: Columbia University Press, 1985.

CHONG, Alberto. **Foreign Policy in Global Information Space: Actualizing Soft Power**. New York: Palgrave Macmillan, 2007.

BASINGER, Jeanine. **City of Nets: A Portrait of Hollywood in the 1940s**. New York: University of California Press, 2003.

Paris 7 Master Culture. **The representation of POC (People of Color) in Hollywood: A case study**. Publicado em 10 de dezembro de 2018. Disponível em: <<https://paris7masterculture.wordpress.com/2018/12/10/the-representation-of-poc-people-of-color-in-hollywood-a-case-study/>>.

FORTUNE. **Hollywood diversity: a two-tiered system is emerging in streaming, UCLA study finds**. 30 mar. 2023. Disponível em: <<https://fortune.com/2023/03/30/hollywood-diversity-two-tiered-system-streaming-ucla-study-2022-studios/>>

REIS, Luiz Carlos. **O estudo da representação de pessoas de cor em Hollywood: Um estudo de caso** [PDF]. PUC-Rio, 2018. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/18589/18589_4.PDF>.

DENZIN, Norman K. Reading Film: Using Films and Video as Empirical Social Science Material. In: FLICK, Uwe; VON KARDORFF, Ernst; STEINKE, Ines (Eds.). **A Companion to Qualitative Research**. Berlin: Sage Publications Ltd, 2000.

REIGN, April. [#OscarsSoWhite April Reign explica por que a diversidade não é suficiente]. De Fevereiro de 2020. YouTube, publicado em . Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5Dcs-x-fTbc&t=42s>

Free the Work. Jobs. Disponível em: <https://resources.freethework.com/jobs/>